

OS TRAÇOS DO MOVIMENTO FEMINISTA NAS OBRAS DA POETISA

AMAPAENSE CARLA NOBRE¹

Bruna Ferreira da Silva Gonzalez²

Dayane Miranda dos Santos³

Leno Serra Callins⁴

Sônia Maria da Silva Sacramento⁵

RESUMO

O presente *paper* tem por principal objetivo demonstrar quais e de que forma os traços do movimento social denominado feminismo se encontram inseridos dentro das produções literárias da poetisa amapaense Carla Nobre e, mais especificamente daquelas presentes nos dois livros impressos da autora, os quais são, por ordem de publicação, “O Amor é Urgente” (2012) e “Exageros e Delicadezas” (2013). Para tanto, analisou-se as obras em questão a fim de identificar os poemas dotados de teor condizente ao do movimento feminista, por fim organizando-os segundo a filiação com os distintos períodos e vertentes do feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Carla Nobre. Feminismo. Literatura Amapaense.

INTRODUÇÃO

Considerando que se faz necessário o fomento da leitura e da produção textual em todos os Estados brasileiros, uma vez que o índice de analfabetos funcionais se mostra assustador, correspondendo a, segundo dados do Indicador de Alfabetismo Nacional – INAF Brasil, 27% da população brasileira em 2011 (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. 2011), optou-se por se construir o presente trabalho em torno da produção literária local, pertencente ao Estado do Amapá, tal escolha, em certa medida, correspondendo a uma forma de estímulo à literatura amapaense.

¹ Trabalho apresentado ao Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP como pré-requisito para obtenção do título de especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

² Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

E-mails:

³ Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

⁴ Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

⁵ Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Linguística da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP e Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Macapá - FAMA. Mestre em Linguagem, Comunicação e Cultura pela Universidade da Amazônia - UNAMA.

Desta forma, não foi à toa que se optou por ter as obras da poetisa Carla Nobre como objeto de estudo, pois tal escritora amapaense possui poesias que transparecem a figura da mulher em pleno gozo de seus direitos e de sua liberdade, civil, eleitoral, sexual, matrimonial, corporal e mesmo maternal, em suma, produções poéticas cujo teor condiz com uma ou mais bandeiras de luta do movimento social denominado feminismo.

E sendo o feminismo um movimento social amplamente disseminado e reconhecido (para o bem ou para o mal) em boa parte do hemisfério ocidental do planeta (entenda-se: Europa Ocidental, América do Norte e América Latina), a análise das obras de Carla Nobre com tal teor possibilita a aproximação do Amapá, e mais especificamente da mulher amapaense, com o restante do país, bem como de outros países, o cerne deste trabalho sendo a identificação dos traços do movimento feminista (e que momento histórico combativo eles melhor correspondem) nos poemas da autora supracitada.

Para tanto, a fim de melhor atingir o objetivo deste trabalho e antes de se demonstrar onde e de que forma os traços pertencentes aos principais momentos histórico-combativos (também chamados de “ondas”) do movimento feminista se fazem presente nos poemas de Carla Nobre que compõem os livros “O Amor é Urgente” (2012) e “Exageros e Delicadezas” (2013), são necessárias algumas elucidações acerca do movimento feminista, tendo em vista, sobretudo, a desmistificação de que o feminismo seja o exato oposto do machismo, isto é, que o mesmo seja correspondente a um movimento que prega a supremacia da mulher e o ódio aos homens.

Portanto, o presente trabalho encontra-se organizado em duas seções, a primeira das quais discorre acerca do movimento feminista em si, procurando apresentá-lo e desmistificá-lo, enquanto a segunda trata da presença desse movimento social nos poemas da poetisa amapaense Carla Nobre.

1 SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA

Uma vez que a espécie humana espalhou-se por cinco dos seis continentes, naturalmente os hábitos, usos e costumes diversificaram-se. Assim, se na antiguidade houve povos como o hebreu, com sociedade patriarcal e machista, na qual as mulheres poucos direitos possuíam, quando possuíam algum, também houve povos em cujas sociedades as mulheres gozavam de direitos como o de se divorciar, como o do Antigo Egito (FERREIRA. 2010) e o da Roma Antiga (COSTA; PAIANO. 1996), sendo que, nesta última, não havia a necessidade de justificativa (SALLES).

Tal direito, após o avassalador avanço do cristianismo pelo mundo ocidental e seu enraizamento entre os povos europeus e que por eles foram colonizados, teria que ser reconquistado pelas mulheres após muitos anos, pois elas acabaram resumidas ao matrimônio, já que, como o mercado de trabalho não lhes era aberto, uma mulher que não se casasse inevitavelmente “ficava para titia”, isso quando não enveredava pelo caminho da prostituição.

O livro “Gabriela, Cravo e Canela”, do escritor baiano Jorge Amado, retrata muito bem essa mentalidade, ainda muito impregnada na sociedade brasileira (e não apenas nela) no começo do século XX, da mesma forma que os livros da escritora inglesa Jane Austen expressam essa realidade na sociedade inglesa do século XIX (e mais precisamente durante o período dito georgiano), realidade na qual a mulher era excluída da educação baseada na razão, devendo dedicar-se ao desenvolvimento de talentos matrimoniais.

E há um motivo para a exemplificação da retratação desse pensamento e comportamento nas literaturas brasileira e inglesa: sendo as sociedades europeias mais antigas que as sociedades sul-americanas, naturalmente boa parte dos movimentos intelectuais, artísticos, culturais, políticos e sociais primeiramente surgiram nelas para depois chegarem às Américas, conseqüentemente, os mesmos não seriam vivenciados da mesma forma e nem ao mesmo tempo (devido às dificuldades de então, no que tange ao compartilhamento de informação), de modo que ao apresentar-se o movimento feminista, deve-se fazê-lo, para melhor atender as necessidades deste trabalho, de acordo com sua história geral e sua história no que diz respeito ao Brasil, pois:

Diferente do que ocorre em outros países, existe entre nós uma forte resistência em torno da palavra “feminismo”. Se lembrarmos que feminismo foi um movimento legítimo que atravessou várias décadas, e que transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se (quase) inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública. Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher freqüentar universidade, escolher profissão, receber salários iguais, candidatar-se ao que quiser.... Tudo isso, que já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente. (DUARTE. 2003, p.151)

Assim, pode-se identificar dentro do movimento feminista, desde o seu surgimento, na Inglaterra do século XIX, até os dias atuais, dois momentos histórico-combativos, os quais são mais conhecidos como “ondas”.

Admite-se que a primeira onda feminista tenha surgido nas últimas décadas do século XIX, conforme anteriormente dito, na Inglaterra, e “tenha se organizado principalmente em torno da luta pelo direito de votar, as feministas desta primeira onda sendo conhecidas como

sufragetes e obtendo o seu intento em 1918” (PINTO. 2010. p.15), ainda que o voto fosse permitido apenas às mulheres com mais de 30 anos (GASPARETTO JUNIOR).

Enquanto isso, a luta pelo voto estava apenas em seu início no Brasil, uma vez que a primeira onda feminista aqui apenas chegou em 1910, com o retorno da bióloga Bertha Lutz, as sufragetes brasileiras conquistando o direito de voto às mulheres em 1932, com a promulgação do Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO. 2010. p.16).

Porém, é necessário observar que houve duas distintas tendências feministas no Brasil: a das sufragistas ou “comportada” e a “mal comportada”. Enquanto a primeira, mais amena, se preocupava em lutar pelo direito de votar das mulheres, não se atendo a discussões de gênero e similares, a segunda tendência “era essencialmente composta por intelectuais, anarquistas e operárias” (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. 2006), “não só lutando pelo direito de votar, como também pelo amor plural, pela legalização do divórcio, contra a opressão masculina e pela igualdade educacional entre homens e mulheres” (Idem. 2006).

Quanto à segunda onda feminista, esse momento histórico-combativo teve seu início por volta de 1960, na Europa e nos Estados Unidos, chegando ao Brasil apenas em 1970, em plena Ditadura Militar. E eis aqui a fundamental distinção que se deu entre a segunda onda feminista no Primeiro Mundo e no Brasil: enquanto nos países europeus e nos EUA o clima era de liberdade de expressão, em solo brasileiro a repressão acabou por empurrá-lo, assim como outros movimentos de esquerda, à clandestinidade.

Portanto, enquanto na Europa e nos Estados Unidos o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias, no Brasil o que tínhamos era um momento de repressão total da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha. Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU. No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979. (PINTO. 2010. p.16-7)

E se a primeira onda teve por foco e conquista principal o espaço para a mulher – no trabalho, na educação, na vida pública, esse segundo momento se concentrou em lutar “por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo” (PINTO. 2010. p.16),

ganhando, sem dúvida alguma, a grande contribuição do desenvolvimento e lançamento da pílula anticoncepcional.

Com o fim do período ditatorial e a redemocratização do país, o feminismo ganhou força no Brasil depois de enfrentar dois grandes desafios:

(...) O primeiro foi a ameaça à unidade do movimento, devido à reforma partidária de 1979, que dividiu a Nação em várias frentes de esquerda.

E, depois, a relação com os novos governos democráticos, concentrada no PMDB, que passou a governar a maioria dos estados brasileiros. (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. 2006)

E tal cenário provocou uma efervescência na luta pelos direitos das mulheres que teve como principal consequência o surgimento de:

(...) inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. (PINTO. 2010. p.17)

Assim, o movimento feminista brasileiro, originário da classe média, aproximou-se das camadas mais populares e ganhou uma nova e gigantesca dimensão na sociedade brasileira, possibilitando grandes avanços e vitórias significativas, como a instituição, em 1984, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), “o qual, junto a outros grupos (como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria – CFEMEA, de Brasília), fez uma campanha nacional pela inclusão dos direitos da mulher na nova constituição, a qual é uma das que mais garante direitos à mulher em todo o mundo” (PINTO. 2010. p.17).

Ainda sobre o CNDM, Pinto (2010. p.17) indica que o mesmo perdeu importância nos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, sendo recriado durante o governo de Luís Inácio “Lula” da Silva, com caráter mais próximo do que tinha em suas origens.

Por fim, na atualidade, o feminismo segue, no Brasil, uma tendência geral de profissionalização (PINTO. 2010. p.17) mediante o surgimento de Organizações Não-Governamentais (ONGs) “focadas em diferentes temas, como a sexualidade da mulher, a saúde feminina, o aborto, a violência e, também, o racismo de que são vítimas” (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. 2006).

2 O MOVIMENTO FEMINISTA NOS POEMAS DE CARLA NOBRE

Uma vez apresentado o que vem realmente a ser o movimento feminista, pode-se partir para o estudo efetuado sobre as duas obras de Carla Nobre que foram escolhidas e a identificar as poesias dotadas de conteúdo feminista, organizadas de acordo com a temática pertencente ao movimento.

2.1 OS TRAÇOS DO FEMINISMO EM “O AMOR É URGENTE”

A primeira obra, denominada “O Amor é Urgente”, fora publicada em fevereiro de 2012, reunindo 47 poemas organizados em três seções: “O amor é urgente... e dá certo!” (com 17 poemas), “O amor é urgente... e dói” (21 poemas) e “O amor é urgente... e me faz mais mulher” (09 poemas).

Na primeira seção, é possível identificar dois poemas visivelmente dotados de traços feministas, “Entranhas” e “Eu Sabia da Tua Chegada”, o primeiro remetendo à liberação sexual feminina nos dois últimos versos “como bruxa moderna/saboreando a liberdade” (uma vez que o poema é nitidamente de temática sexual), enquanto o segundo utiliza-se, nos versos 21 e 22 (que são, também, os dois últimos versos da quinta estrofe), de duas imagens tradicionalmente pejorativas para a mulher, as quais são a “galinha” (pois é um animal ordinário, facilmente encontrado em qualquer comércio de esquina) e o “estar no cio” (pois a mulher, por muito tempo e, para muitas pessoas nos dias de hoje, não podia ter prazer nem tomar qualquer iniciativa sexual), como ato de resistência ou mesmo de subversão, pois, ao se apropriar de um termo ofensivo como algo identitário, ele deixa de constituir uma ofensa e perde força, desarmando o agressor.

Na segunda seção, há apenas o poema “Estou Sumindo do Mapa”, que retrata a liberdade de escolha possuída pela mulher contemporânea quanto aos relacionamentos, algo que vem sendo praticado desde que a Rainha Vitória da Inglaterra escolheu o seu marido por conta própria, porém, aqui, a amplitude dessa escolha não se limita ao casamento.

A terceira e última seção do livro em questão é inteiramente composta por poemas que remetem ao feminismo, à emancipação da mulher e os direitos que foram conquistados, como o seu título deixa a entender. Dos nove poemas, sete (“Sou Musa”, “Quero Ser Pobre”, “Mulher Amazonida”, “Vou Embora”, “O Problema Sou Eu”, “Soneto Para O Equinócio do Amor” e “Tristezas”) abordam a liberdade da mulher contemporânea, sobretudo a liberdade de relacionamento, de vaidade, enfim, sexual. Quanto aos dois restantes, “Certidão de

Nascimento” apresenta o lesbianismo, prática (também) tratada como ato de resistência, enquanto “Anel de Formatura” apresenta a primeira das grandes conquistas: o direito ao estudo e à atuação profissional (liberdade intelectual e econômica).

2.2 OS TRAÇOS DO FEMINISMO EM “EXAGEROS E DELICADEZAS”

Publicado em julho de 2013, o livro “Exageros e Delicadezas” reúne 59 poemas (alguns também presentes no livro anteriormente analisado) em oito seções: “Delicadezas feitas de água” (07 poemas), “Delicadezas para quando o amor chega” (06 poemas), “Sonetos delicados e exagerados” (15 poemas), “Exageros delicados para o amor” (10 poemas), “A mulher cheia de exageros e delicadezas” (07 poemas), “Gosto de Macapá exageradamente” (02 poemas), “O amor do exagero em todos os seus fenômenos” (10 poemas) e “A delicadeza da saudade” (02 poemas).

Dessas seções, apenas as duas primeiras não possuem poemas com traços que remetem ao movimento feminista, havendo, no total, 15 poemas com tais traços: 04 na terceira seção (“Soneto Para O Equinócio do Amor”, “Soneto da Palavra Nua”, “Soneto Íntimo” e “Soneto da Fábula da Mulher”), 03 na quarta (pág. 42, pág.47 e pág.48), 05 na quinta (o poema-título da seção, na página 51, “Minha Linhagem”, “Fêmea”, “Cansei de Ser Sereia” e “Para Minhas Filhas”), 01 na sexta (“Macapá: 250 Anos de Encanto Feminino”), 01 na sétima (“Fenômeno 4”) e 01 na oitava (“Elegia Para Tua Beleza”).

Na terceira seção, o “Soneto Para o Equinócio do Amor” trata da liberdade sexual, enquanto o “Soneto da Palavra Nua” trata não apenas do direito da mulher sobre o próprio corpo (“Das mais tristes às mais lindas / fico com o verbo parir / E toda a sua memória”) como também da liberdade de falar o que quiser, pois há a mítica de que mulher não deve falar palavrão, por exemplo.

Quanto ao poema “Soneto Íntimo”, ele é um hino ao movimento feminista, à luta e às conquistas das mulheres, enquanto o “Soneto da Fábula da Mulher” aborda a mulher liberta e fora daquela imagem de sexo frágil, passivo e submisso ao homem.

Os poemas da quarta seção, por sua vez, se caracterizam por não terem título. Deles, três (pág.42, pág.47 e pág.48) trazem traços que remetem ao feminismo, todos eles tratando da liberdade da mulher por escolher se separar, por dar um fim ao relacionamento, partir, sendo que o da página 42 pode assim ser entendido se levarmos em conta o que ele diz como sendo uma referência, também, ao direito da mulher divorciar-se.

Na quinta seção, tem-se o poema-título da seção, na página 51, que pode ser considerado como tendo traços referentes ao feminismo por enaltecer a importância da mulher, enquanto todos os outros quatro poemas discorrem sobre as mulheres “mal comportadas”, isto é, libertas dos padrões estabelecidos para elas.

Finalmente, tem-se o poema “Macapá: 250 Anos de Encanto Feminino”, na sexta seção, o poema “Fenômeno 4”, na sétima, e “Elegia Para Tua Beleza”, na oitava e última seção.

O primeiro é um poema comemorativo sobre os 250 anos de Macapá, mas traz em seus versos a comparação da cidade à mulher, uma mulher livre das convenções sociais do casamento e do amor, que não é como “frágil louça” (NOBRE. 2013. p.66) e se abre em lilás, cuja cor remete ao feminismo. Por outro lado, o poema também trás, na sua última estrofe, no terceiro verso, algo que pode ser ambigualmente interpretado, pois, ao mesmo tempo em que dialoga com a estrofe anterior, pertencente ao ladrão do marabaixo “Rosa Branca Açucena” (em torno do qual o poema se constrói), contém a informação infortuna de que mulheres não podem andar sozinhas na rua.

O segundo, por sua vez, apresenta a mulher retirada daquela imagem de ser frágil, no verso “Tirando meus sapatos de cristal” (NOBRE. 2013. p.73), e transposta para a imagem de mulher com poderes, no verso “E me colocando na fogueira” (Idem. Ibidem.). Claro, há uma conotação sexual no poema, mas também é possível extrair tal entendimento dele.

O terceiro e último poema, por fim, consiste numa homenagem para Joana D’arc dos Santos Alfaia, sendo possível perceber nele alguns traços em referência ao feminismo, mais especificamente quando há a menção ao ato de parir e ao exercício do direito à educação, bem como à força feminina.

CONCLUSÃO

Após se ter visto a análise geral das obras de Carla Nobre, enumerando os poemas que apresentam traços do movimento feminista, pode-se concluir que a autora não trata das liberdades femininas conquistadas deste o século XIX em todas as suas produções poéticas, mas trata de todas as diferentes conquistas.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF Brasil 2011:**

Principais resultados. Disponível em:

<http://www.ipm.org.br/download/inf_resultados_inaf2011_ver_final_diagramado_2.pdf>.

Acesso em: 05 set. 2014.

COSTA, Cristiane; PAIANO, Enor. Eu vos declaro marido e mulher. In:

SUPERINTERESSANTE. Cultura. Ed. Abril. n.104, mai. 1996 Disponível em:

<<http://super.abril.com.br/cultura/eu-vos-declaro-marido-mulher-436524.shtml>>. Acesso em:

11 set. 2014.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. In: INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Estudos Avançados. v.17, n.49. p. 151-172, set./dez. 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2014.

FERREIRA, Lucas. As mulheres egípcias. In: ____. Antigo Egito. Publicado em: 31 out. 2010.

Disponível em: <<http://antigoegito.org/208/>>. Acesso em: 11 set. 2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Cai a ditadura e o feminismo ganha força no Brasil.

In: ____. Projeto memória 2006: Nísia Floresta. Disponível em:

<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/hoj_cai_a_dita.html>. Acesso em: 11 set.

2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Movimento e pensamento na luta em defesa da mulher.

In: ____. Projeto memória 2006: Nísia Floresta. Disponível em:

<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/hoj_movimento_.html>. Acesso em: 11 set.

2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Pelo direito de votar: a primeira luta feminista. In: __.

Projeto memória 2006: Nísia Floresta. Disponível em:

<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/hoj_pelo_direi.html>. Acesso em: 11 set.

2014.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Um feminismo sem liberdade de expressão. In: __.

Projeto memória 2006: Nísia Floresta. Disponível em:

<http://www.projetomemoria.art.br/NisiaFloresta/hoj_um_feminis.html>. Acesso em: 11 set.

2014.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. **Primeira onda feminista**. In: INFOESCOLA. História.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em:

08 set. 2014.

NOBRE, Carla. O amor é urgente. 2012

NOBRE, Carla. Exageros e delicadezas. 2013

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, v.18, n.36. p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2014.

SALLES, Catherine. Famílias nada tradicionais. In: História Viva. Reportagens. Ed. Segmento. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/familias_nada_tradicionais.html>. Acesso em: 11 set. 2014.